

FORMAÇÃO DE DOCENTES DE BIOLOGIA: O OLHAR DOS LICENCIANDOS/AS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES

VIEIRA, Leonardo Cardozo¹; FERREIRA, Márcia Ondina Vieira²

¹Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado – Bolsista CAPES - bio.leo.mat@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado/Doutorado – Professora Orientadora – marciaondina@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade sem dúvida nenhuma está presente nas Escolas, não apenas nas manifestações dos/as adolescentes, mas no convívio dos/as alunos/as, professores/as, e nas construções das identidades e valores, sejam de crianças, adolescentes ou mesmo adultos/as.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (PCN's - Temas Transversais; 1998; p. 292).

A instituição muitas vezes reforça preconceitos por não tratar a sexualidade como algo inerente à vida humana, e o/a professor/a muitas vezes se depara com atitudes de alunos/as, no qual não sabe como agir, intervir ou mesmo dialogar, pois entre muitos assuntos importantes, a sexualidade não fora um tema discutido na sua formação inicial, nos Cursos de Licenciatura, em disciplinas ou mesmo projetos que a contemplassem transversalmente. Geralmente, a “Educação Sexual”, é um tema que sempre foi concedido às áreas biológicas, ligado ao biológico e ao preventivo, carregando até hoje resquícios dessa visão reducionista. No entanto, a educação sexual (LIMA, 2008) não é apenas educação para contracepção nem para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis. Educa-se para a felicidade sexual das pessoas. Educa-se para preparar o indivíduo, através do uso responsável da liberdade, ser um agente eficaz de promoção da felicidade individual e coletiva. Eu diria que a educação sexual deve estar voltada para o amor. Amor não entendido apenas como atração biológica. Tesão físico pelo/a outro/a. Amor entendido não como uma necessidade unilateral de receber e de tirar alguma coisa do outro/a. Segundo Freitas, ao se propor a formação inicial e continuada de professores/as como instrumento eficaz no combate aos preconceitos que pairam sobre a escola, não se afirma que a formação docente dá conta de todos os problemas da escola, em especial ao combate a violência e discriminações. Mas a falta de oportunidade para discutir a questão da sexualidade e dos gêneros nos cursos de Licenciaturas pode transformar-se em um forte empecilho para o/a futuro/a professor/a, que durante o estágio curricular tem a primeira oportunidade de presenciar uma multiplicidade de sexualidades povoando as escolas, e acaba não sabendo como agir.

Dessa forma, é com intuito de tentar entender um pouco mais sobre as discussões de gênero e sexualidade nos palcos da formação de professores/as que buscamos com a pesquisa, analisar as concepções dos/as licenciandos/as

em ciências biológicas sobre o gênero e as sexualidades na formação de professores/as.

A importância de se discutir gênero e sexualidades não pode se limitar apenas à disciplina de Ciências/Biologia, no estudo sistema reprodutor (BONFIM, 2009), pois crianças e adolescentes anseiam por informações que vão além dos aspectos anatômicos e fisiológicos, e os educadores/as precisam estar aptos para preencher essa expectativa. Segundo BRAGA (2004), se a educação sexual ou as possíveis interlocuções entre sexualidade e escola não encontram consenso, causando impasses e tensões, as alternativas podem incluir também o silenciamento e a negação, reproduzindo a sexualidade com tabus e preconceitos. Para a autora, corrobora-se a importância da inclusão das discussões referentes às sexualidades e relações de gênero já na formação inicial dos/as professores/as. Essa iniciativa consiste na “recuperação” das sexualidades, enquanto *locus* de prazer e vida desses indivíduos, como também uma maneira de lhes subsidiar teórica e pedagogicamente para o trabalho de sexualidade em sala de aula que vá para além da idéia de instância biológica e de prevenção de doenças e gravidez.

A pesquisa aqui relatada está em fase inicial, e será realizada como requisito para obtenção do título de mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, FaE/UFPEL.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, será realizada a partir da organização de um grupo de discussão, que será coordenado pelo mestrando, em forma de Projeto de Ensino. O grupo contará com dez acadêmicos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPEL, sendo estes voluntários para a pesquisa.

Acontecerão, aproximadamente, dez encontros, cujas atividades serão:

- Discussão de temas relacionados à educação, com ênfase em gênero e sexualidade na formação de professores;
- Análise do Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas;
- Encontros com convidados para melhor discutir alguns focos do tema proposto.

Todos os encontros serão gravados e registrados, sendo que a partir dos registros se buscará fazer uma análise minuciosa através do qual se buscará evidenciar as concepções dos/as licenciandos/as a partir de todas as discussões realizadas.

Algumas questões de pesquisa a serem consideradas na análise do material:

- Concepções sobre gênero e sexualidade (conceitos, significados);
- Concepções acerca da necessidade de se discutir gênero e sexualidade na formação dos professores;
- Concepções acerca do currículo do Curso, no que tange as abordagens de Gênero e sexualidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por mais que o termo sexualidade tenha sido compilado no século XIX pela sexologia nascente, em meio às suas fundamentações biológicas e classificações de perversões (GERT, 1995), é praticamente impossível manter um discurso

essencialista sobre a dinâmica que assumem os desejos e prazeres. Tal fato pode ser observado nas diversas formas que a sexualidade assume em determinados tempos e espaços históricos (COSTA; RIBEIRO, 2008). A não correspondência da maneira como nos enxergamos enquanto homens e mulheres com o sexo anatômico e a multiplicidade dos desejos sexuais, encontram respaldo na definição de caráter histórico de WEEKS (2000, p. 40) sobre sexualidade, que é “[...] na verdade, ‘uma construção social’, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas”.

Difícilmente, também, poderemos discutir gênero sem antes citar ou referenciar Joan Scott, professora de Ciências Sociais no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, historiadora e militante feminista norte-americana. Segundo essa autora o gênero “torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. ‘Gênero’ é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75).

A literatura acadêmica que estuda, discute e reflete sobre o gênero e as sexualidades tem mostrado o quanto questões sexuais e de relações de poder estão presentes na escola, bem como a importância de trabalhá-las enquanto conteúdo na sala de aula com crianças e adolescentes (por exemplo, RIBEIRO, 1990; LOURO, 1997). Paralelamente, essa necessidade também é corroborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), os quais elegem o termo Orientação Sexual como um dos temas transversais que devem ser incorporados aos conteúdos ensinados na instituição escolar.

Se aos poucos somos convencidos que o gênero e as sexualidades devem ser trabalhados na sala de aula, devemos também considerar e, igualmente, conhecer qual o sujeito que no contexto escolar desempenhará o papel de orientador/a sexual, o/a professor/a.

Mas, para que um/a professor/a se torne orientador/a sexual, mais que uma formação teórica e prática, é necessário, primeiramente, reconhecer a existência de representações e desejos sexuais neste sujeito. Diante das relações pedagógicas cegas e mudas acerca do sexo “[...] onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido” (hooks, 2000, p. 115), o/a educador/a precisa estar atento/a às representações das sexualidades e relações de gênero produzidas e reproduzidas no ambiente escolar.

4. CONCLUSÕES

Este relato trata de uma pesquisa em andamento, portanto, ainda há conclusões importantes que serão apontadas até a conclusão da análise dos dados. No entanto, esperamos estar contribuindo para a visibilização das temáticas relações de gênero e sexualidades, de tal forma que elas sejam estudadas com mais profundidade no cotidiano das salas de aula. A partir dos suportes teóricos, até aqui estudados, reforçamos a hipótese de que, sobretudo no ambiente escolar, faz-se necessário que docentes e estudantes realizem um processo de problematização dos conceitos de gênero e sexualidades, possibilitando aos indivíduos a (des)construção e (re)construção de conhecimentos sobre si, sobre o/a outro/a e sobre o mundo.

5. REFERÊNCIAS

BONFIM, Claudia Ramos de Souza. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades.** 2009. Disp. <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000449191> <Acesso em 22 de julho de 2010>

BRAGA, Denise da Silva. **A sexualidade no currículo da escola fundamental.** 2004. Disp. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_BragaDS_1.pdf. <Acesso em 20 de junho de 2010>

COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo. **Sexualidade e relações de gênero: a formação docente em questão. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. 2008.** Disp. http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST51/Costa-Ribeiro_51.pdf <Acesso em 10 de agosto de 2011>.

FREITAS, Maria Tereza. **A Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Disponível in: www.scielo.br/pdf/cp/u116/14397/pdf <Acesso em 20 de junho de 2010>

GERT, H. Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da Sexualidade. In: BREMMER, J. (org.). **De Safo a Sade.** Momentos na história da sexualidade. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1995, p. 237-263.

hooks, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 113-123.

LIMA, Tatiane et. al. **Saberes, identidades e formação docente: a experiência de um curso a distância sobre gênero e sexualidade na escola.** Disp. http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem20/COLE_3464.pdf <Acesso em 13 de agosto de 2010>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar; OS OUTROS DOIS AUTORES. **Gênero, Sexualidade e Educação. 'Olhares' sobre algumas das perspectivas teórico metodológicas que instituem um novo GE.** Disp. <http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos.html> <Acesso em 10 de agosto de 2011>

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E.P.U., 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

WEEKS, J. O corpo e sexualidade. In: LOURO, G.L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-82.